



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicaofreitas.df@diariosassociados.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

SEIS PAVIMENTOS

Quando decidiu que os blocos das superquadras teriam seis pavimentos, e não sete ou nove ou onze ou 50, Lucio Costa pensou numa “nova maneira de viver, própria de Brasília e inteiramente diversa das demais cidades brasileiras”, como escreveu no importantíssimo *Brasília Revisitada*, de 1987.

O bloco baixinho representa o volume mais importante da escala residencial, “com a proposta inovadora

da superquadra, a serenidade urbana assegurada pelo gabarito uniforme de seis pavimentos, o chão livre e acessível a todos através do uso generalizado dos pilotis e o franco domínio do verde”.

Seis pavimentos, pilotis, “separação do tráfego de veículos do trânsito de pedestres”, vasta e derramada arborização, blocos de serviços nas laterais das superquadras — Lucio Costa apurou o conceito de moradia do urbanismo moderno, tirou a frieza do racionalismo e deu-lhe uma cara mais agradável, mais humana.

Os seis pavimentos não surgiram de um jogo de loteria. Seis era um número que cabia de jeito na idéia

de superquadra que Lucio Costa estava aperfeiçoando.

O professor Frederico Flósculo Barreto, da arquitetura da UnB e de forte e vigorosa paixão pelo Projeto do Plano Piloto, conta que Lucio Costa foi buscar em Paris a inspiração para os seis pavimentos. (Doutor Lucio nasceu em Toulon, na França, e foi educado na Europa).

Paris foi modernizada pelo prefeito Haussmann, sob o governo de Napoleão II, na década de 1890. O cara “arraçou Paris medieval e criou um código de obras que influenciaria o urbanismo europeu”. Diz mais, o professor Flósculo: “Seus princípios combinavam a abertura de grandes

avenidas, permitindo que a cidade respirasse (e as comuns insurreições armadas fossem rápida e violentamente contidas), com um rígido controle da altura das edificações, que deveria ser proporcional à largura das ruas e novas avenidas”. Nascia “a Paris de hoje, ventilada e ensolarada”. O tal prefeito criou o padrão de altura em torno dos seis andares.

“Quando Lucio Costa define os seis andares acima dos pilotis, ele realmente deseja um efeito ‘parisense’, assegurando que a cidade não teria edifícios monstruosos, desproporcionais”, ensina Frederico Flósculo. “Há uma imensa delicadeza nessas proporções.”

Os seis andares inspirados no tal prefeito parisiense caiu muitíssimo bem na topografia brasiliense. O céu oceânico, o horizonte perfeito, o suave declive rumo ao Lago Paranoá.

Entrego a conclusão desse pé de página ao professor Flósculo: “Os empreendedores que ainda vêm as velhas cidades divididas em ‘lotes’, onde cada um faz o seu arranha-céu, não entenderão nunca a profunda beleza e equilíbrio dessa concepção de urbanismo”.

P.S.: O cronista das segundas-feiras, Severino Francisco, está em gozo de necessárias e merecidas férias. Não se aflijam, ele voltará antes de 2009.